

Ado Cordeiro de Melo



MEMÓRIAS DE UM VAQUEIRO



Universidade Estadual da Paraíba

Prof. Antonio Guedes Rangel Junior | *Reitor*

Prof. Flávio Romero Guimarães | *Vice-Reitor*



Editora da Universidade Estadual da Paraíba

Luciano Nascimento Silva | *Diretor*

Antonio Roberto Faustino da Costa | *Editor Assistente*

Cidoval Moraes de Sousa | *Editor Assistente*

Conselho Editorial

Luciano Nascimento Silva (UEPB) | José Luciano Albino Barbosa (UEPB)
Antonio Roberto Faustino da Costa (UEPB) | Antônio Guedes Rangel Junior (UEPB)
Cidoval Moraes de Sousa (UEPB) | Flávio Romero Guimarães (UEPB)

Conselho Científico

Afrânio Silva Jardim (UERJ) | Jonas Eduardo Gonzalez Lemos (IFRN)
Anne Augusta Alencar Leite (UFPB) | Jorge Eduardo Douglas Price (UNCOMAHUE/ARG)
Carlos Wagner Dias Ferreira (UFRN) | Flávio Romero Guimarães (UEPB)
Celso Fernandes Campilongo (USP/ PUC-SP) | Juliana Magalhães Neuwander (UFRJ)
Diego Duquelsky (UBA) | Maria Creusa de Araújo Borges (UFPB)
Dimitre Braga Soares de Carvalho (UFRN) | Pierre Souto Maior Coutinho Amorim (ASCES)
Eduardo Ramalho Rabenhorst (UFPB) | Raffaele de Giorgi (UNISALENTO/IT)
Germano Ramalho (UEPB) | Rodrigo Costa Ferreira (UEPB)
Glauber Salomão Leite (UEPB) | Rosmar Antonni Rodrigues Cavalcanti de Alencar (UFAL)
Gonçalo Nicolau Cerqueira Sopas de Mello Bandeira (IPCA/PT) | Vincenzo Carbone (UNINT/IT)
Gustavo Barbosa Mesquita Batista (UFPB) | Vincenzo Miliello (UNIPA/IT)

Expediente EDUEPB

Erick Ferreira Cabral | *Design Gráfico e Editoração*
Jefferson Ricardo Lima Araujo Nunes | *Design Gráfico e Editoração*
Leonardo Ramos Araujo | *Design Gráfico e Editoração*
Elizete Amaral de Medeiros | *Revisão Linguística*
Antonio de Brito Freire | *Revisão Linguística*
Danielle Correia Gomes | *Divulgação*



Editora filiada a ABEU

EDITORA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

Rua Baraúnas, 351 - Bairro Universitário - Campina Grande-PB - CEP 58429-500
Fone/Fax: (83) 3315-3381 - <http://eduepb.uepb.edu.br> - email: eduepb@uepb.edu.br

Ado Cordeiro de Melo

MEMÓRIAS DE UM
VAQUEIRO



Campina Grande-PB
2020

Coleção Literatura Popular

Conselho consultivo

Profa. Dra. Maria de Fátima Barbosa de Mesquita Batista (UFPB)

Profa. Dra. Maria Nazareth de Lima Arrais (UFMG)

Prof. Dr. Luciano Barbosa Justino (UEPB)

Conselho editorial

Prof. Dr. Arnaldo Baptista Saraiva (Universidade do Porto-Pt)

Profa. Dra. Ana Cristina Marinho Lúcio (UFPB)

Profa. Dra. Marieta Prata de Lima Dias (UFMT)

Profa. Dra. Maria do Socorro Silva Aragão (UFPB)

Prof. Dr. Adriano Carlos de Moura (IFPE)

Prof. Dr. Josivaldo Custódio da Silva (UPE)

Depósito legal na Biblioteca Nacional, conforme Lei nº 10.994, de 14 de dezembro de 2004.

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA HELIANE MARIA IDALINO SILVA - CRB-15º/368

M528m Melo, Ado Cordeiro de.

Memórias de um vaqueiro. [Livro Eletrônico]./ Ado Cordeiro de Melo.
Campina Grande: EDUEPB, 2020.

7200 kb. 123 p.: il

Modo de acesso: <http://eduepb.uepb.edu.br/e-books>

ISBN: 978-85-7879-508-5

1. Literatura paraibana - Prosa 2. Literatura Popular. 3. Literatura brasileira - Memórias. 4. Prosa brasileira. I. Título.

21 ed. CDD B869.808098133

Copyright © **EDUEPB**

A reprodução não-autorizada desta publicação, por qualquer meio, seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.

COLEÇÃO LITERATURA POPULAR

Essa coleção, em formato digital, homenageia os quarenta anos de existência do Programa de Pesquisa em Literatura Popular – PPLP. Pretende apresentar, ao público em geral, a descrição do que é Literatura Popular além das discussões mais significativas que envolvem o assunto, conceitos, gêneros e modalidades de expressão.

A Literatura Popular engloba um número vasto de expressões literárias, algumas vezes de autoria desconhecida e datando de épocas antigas da nossa língua, o que permite considerar sua tradicionalidade. A distinção do que é popular, nem sempre, é apresentada com clareza ao público que passa a restringir seu significado apenas à cantoria ou ao cordel. Entretanto, trata-se de uma literatura, de formas e gêneros diversos, feita pelo povo e para o povo, na linguagem que ele conhece, do jeito que ele sabe dizer, espontânea e simples, mas muito importante porque traduz seus valores e sua ideologia. Se quisermos conhecer uma comunidade, comecemos por estudar suas manifestações populares e aí estaremos penetrando em sua alma.

Os gêneros literários populares são construídos em prosa ou verso e transitam por duas modalidades de língua: a **oralidade** de que fazem parte as cantigas de brincar, de ninar, de folguedos, (tradicional ou não) os aboios e toadas de vaquejada, os desafios e as cantorias de viola; os contos populares, as lendas e romances poético-musicais; e a **modalidade escrita**, em que é produzido o gênero cordel, geralmente por meio de um suporte chamado folheto.

Pesquisadores nacionais ou estrangeiros que estudaram essa literatura, em seu sentido amplo, ou que organizaram coletâneas de estudos sobre o assunto são convidados a nela publicarem. Como proposta inicial, apresentamos os livros seguintes que organizamos, com a colaboração de outros pesquisadores, durante o tempo em que estivemos coordenando o Programa de Pesquisa em Literatura

Popular- PPLP, vinculado ao Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba. São eles: 1- *Quem é o povo?*; 2- *Estudos em Literatura Popular I*; 3- *Estudos em Literatura Popular II*; 4- *Estudos sobre o Romanceliro*; 5- *A caipora e o fim do mundo*; 6- *Memórias de um vaqueiro*; 7- *O popular no discurso erudito de José Lins do Rego*.

Memórias de um vaqueiro, autobiografia do poeta popular paraibano Ado Cordeiro de Melo, escrita em versos de sete sílabas e que descreve a vida do Cariri paraibano e a luta pela sobrevivência. Ado pertence a uma geração de poetas populares paraibanos que deixaram marcado, em sua arte, um amor incondicional pela sua terra e gente. Sertanejo, natural dos Cariris Velhos, Cordeiro, como é afetuosamente chamado pelos parentes e amigos, bebeu na fonte dos grandes poetas populares paraibanos: Leandro Gomes de Barros, Pinto do Monteiro, Manoel Camilo dos Santos, que aprendeu a ler através da tia Maria José Cordeiro, a grande contadora de histórias da família, a madrinha Lia A organização coube a:

Maria de Fátima Barbosa de Mesquita Batista, coordenadora do PPLP no período de 2003 a 2018, concluiu doutorado em Semiótica e Linguística Geral na USP de São Paulo e Pós-doutorado em Paris pelo Institut Nationale des Langues Orientales - INALCO e pela Université Paris VIII - Saint Dennis. Graduou-se em Letras Neo-Latinas pela antiga FURNE, hoje UEPB. É Professor titular da UFPB, atuando no Programa de Pós-graduação em Letras, na linha de Estudos Semióticos, onde desenvolve o projeto intitulado Semiótica das Culturas Populares: em busca do cosmopolitismo como bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq. Orienta nas áreas de Semiótica das Culturas, Literatura Popular, Gêneros de Expressão Popular, sobretudo o Romanceliro, o Cancioneiro, o Conto e o Cordel.

Joana Áurea Cordeiro Barbosa - Doutora em Ciências da Educação - Formação de Professores pela Universidade de Coimbra - Portugal. Mestrado em Educação pela Universidade Federal da Paraíba (2003). Graduação em Licenciatura em Psicologia pela Universidade Regional do Nordeste (1981); graduação em Formação de Psicólogo pela Universidade Regional do Nordeste (1982). Atualmente é professora com dedicação exclusiva da Universidade Estadual da Paraíba. Áreas de Pesquisa: Formação de Professores / Aprendizagem Escolar.

Francisco de Assis Cordeiro Barbosa. - Doutorado em Medicina (Oftalmologia) pela Universidade Federal de São Paulo (1992); Mestrado em Oftalmologia pela Universidade Federal de São Paulo (1988); Especialização pela UFPE e UNIFESP; Graduado em Medicina pela Universidade Federal de Pernambuco (1977). Atualmente é professor titular da Universidade Federal de Pernambuco. Tem experiência na área de Medicina, com ênfase em OFTALMOLOGIA, atuando principalmente nos seguintes temas: prevenção da cegueira, ensino da oftalmologia, olho como aparelho dióptrico, próteses oculares, uveíte, retina e vítreo.

Álvaro de Mesquita Batista. - Graduado em Engenharia Civil pela Universidade Federal da Paraíba (1971); Curso de Habilidades Administrativas e Liderança, realizado na UFPB em 2003; Curso de Organização e Métodos – UFPB (1988); Elaboração e Gerência de Projetos – UFPB (1986); Diretor Técnico do Polo Empresarial Ginetta localizado em Igarassu-PE no período de 2003 a 2010; Presidente do Conselho de Administração do Polo Empresarial Ginetta no período de 2010 a 2013. Fala com desenvoltura duas línguas estrangeiras: Inglês e Italiano. Traduz Francês, Inglês e Italiano.

*Dedico esse livro
A minha santa mulher, Zefinha
Um presente de Deus na minha vida.*

Agradeço:

Àqueles que organizaram este trabalho:

Maria de Fátima Barbosa de Mesquita Batista

Álvaro de Mesquita Batista

Joana Áurea Cordeiro Barbosa

Francisco de Assis Cordeiro Barbosa

Aos que fizeram os registros Musicais:

Maria Alix Nóbrega Ferreira de Melo

Bernadete de Lourdes Cordeiro Barbosa

E aos digitadores:

Raquel Barbosa de Mesquita Batista

Lara Cordeiro de Melo

Áurea Maria Cordeiro de Melo

Dez a data festiva
Nove a data do mês
Vinte e sete é a do ano
Data festiva outra vez
Oitenta a quantidade
Estou falando a verdade
De anos que completei

Cordeiro

10/09/2007

Soube a morte de Lelê
Tenho direito a chorar
Também sou daquela terra
Gosto daquele lugar.
Helena! Diga a meus parentes
Aos mais próximos da gente
Que um dia chego lá

Cordeiro

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO, 15

MEMÓRIAS DE ADO, 25

- VICENTE E RITINHA, 26
- EU SOU FILHO DO SOBRINHO, 29
- A COMPRA DA MALHADA, 32
- MALHADA DA PANELA, 34
- A BURRA CUTIA, 36
- HORÁCIO E ÁUREA, 37
- MALHADINHA, 38
- MORADOR DA MALHADINHA, 44
- A TROPA DE BURRO, 46
- O SÃO JOÃO NA MALHADINHA, 50
- MINHA PRIMEIRA SELA, 54
- CORDEIRO E ZFINHA, 56
- AURIZABEL E O BODE QUE DIZIA SEU NOME, 61
- MINHA VIDA DE VAQUEIRO, 63
- TIO COSME TROVÃO, 66
- OS FILHOS DE TIO COSME, 67
- ALAÍDE E CAMÕES, 68
- ARLINDA, 71
- ADEMÁLIO, 72
- ADALBERTO, MEU IRMÃO, 73
- BERNADETE, 74
- GENÊS, 75
- DR. FERNANDO LIRA, 76
- BEIJA-FLORES, 78
- MAS O LIVRO NÃO CONTOU, 79
- À ESCRITORA DE TROVÃO, 82

TOADAS DE VAQUEJADA , 85

Ô MUNDO VELHO ENGANOSO, 86

A TOADA DO CAVALO TAÚBIM, 88

A SECA NO CARIRI, 91

A CHUVA NO CARIRI, 94

A SAUDADE DO VAQUEIRO, 96

A TOADA DO CAVALO ABC, 101

A TOADA DOS DOIS IRMÃOS, 108

REFRÃO, 108

A FILHA DO FAZENDEIRO, 112

ANEXOS, 115

APRESENTAÇÃO

Nasce-se poeta, cresce-se como poeta, alimenta-se o poeta, mas não morre o poeta. Com essas palavras, ofereci a meu filho, também poeta, o primeiro livro de poesias de Carlos Drummond de Andrade que, com grande orgulho no coração, lhe comprei. E é com o mesmo sentimento de orgulho, de prazer e de honra que escrevo a apresentação desse livro, escrito, recitado e cantado pelo meu tio Ado Cordeiro de Melo.

Ado pertence a uma geração de poetas populares paraibanos que deixaram marcado, em sua arte, um amor incondicional pela sua terra e gente. Sertanejo, natural dos Cariris Velhos, Cordeiro, como é afetuosamente chamado pelos parentes e amigos, bebeu na fonte dos grandes poetas populares paraibanos: Leandro Gomes de Barros, Pinto do Monteiro, Manoel Camilo dos Santos, que aprendeu a ler através da tia Maria José Cordeiro, a grande contadora de histórias da família, a madrinha Lia de seus versos, a quem ele *ia ajudar só para ela lhe contar de Roldão e Oliveiros*.¹

É ele um descendente direto, pela leitura e formação, da escola de Teixeira que legou ao Brasil as mais belas composições populares que, ainda hoje, alegam a vida do nosso povo sofrido, acima de tudo “um povo forte”, utilizando-se a expressão de Graciliano Ramos². *Carlos Magno e os dozes Pares de França* povoaram sua mente desde criança. Ele viveu a batalha de Ferrabrás com Oliveiros, cantou, como sua mãe, tias e irmãos os *Suspiros de um Sertanejo*. Aí buscaria inspiração para cantar o amor, o lar, o bem e o prazer de ser vaqueiro numa terra castigada pelas secas, mas que o viu nascer, crescer e que

1 O autor se refere aos cavaleiros do rei francês Carlos Magno, nos quais Leandro (s/d) foi buscar inspiração para escrever o folheto *Os 12 pares de França*.

2 *Os Sertões*

um dia o verá morrer *olhando para ela* (1947). Possuía o mesmo rasgo de amor que fez o grande Leandro produzir em homenagem ao sertão os seguintes versos:

*As tardes lá são tão belas
e chamam tanta atenção
que embrandecem de momento
o mais duro coração
não sabe contar do mundo
quem nunca foi ao sertão*

*Quem nunca passou
Pelo Seridó
E no Piancó nunca viajou
Não saboreou o mel do Abreu:
Um desses nasceu em honra esquecida
Passou pela vida porém não viveu³*

Como todo mundo do seu tempo, ia à feira e deparava-se nos bancos dos poetas populares que vendiam seus folhetos pendurados em cordinhas finas, daí o nome cordel atribuído a essas composições populares. Apesar da humildade da produção, não se pode pensar em literatura popular como coisa de somenos importância. Fazer cordel não é uma coisa simples. Requer um saber, um profundo conhecimento do povo, de seus anseios e de sua alma. Só faz quem vive. Quem vive uma vida e não a passa em brancas nuvens, mas despende para vivê-la um esforço heróico, sobre-humano. Assim foi a vida de Cordeiro. No labor de cada dia, com o suor de seu rosto, rosto de vaqueiro, acostumado a lidar com o gado e cultivar a terra,

3 Variante do folheto *Suspiros de um sertanejo* de Leandro Gomes de Barros; publicado por João Martins de Athayde em 1947. Esta versão foi cantada por Olíndina Cordeiro Cabral em maio de 1982 e coletada por Maria de Fátima B. de M. Batista.

ele criou e educou as seis filhas (Ruth, Rejane, Jacinta, Luzia, Áurea Izabel, Chiara) e os três filhos (Ronaldo, Severino e Luciano), junto com sua amada Zefinha, a quem considera um presente de Deus.

Quando criança aprendi, na escola, uma cançãozinha que assim dizia: “*Brasil, teu povo é grande, como é grande a tua terra*”. Parodio-a, agora, para dizer: “*meu tio, seu nome é grande, como é grande sua poesia*”. Importante, laboriosa, feita com alma. Você não a fez como mercadoria para a venda, mas a burilou para deleite nosso, de sua família, de seus amigos. Você imprimiu em cada letrelinha que escreveu nossas histórias, a história de nossos ancestrais que teria se perdido no tempo se não fosse o caloroso empenho com que a registrou. Por isso, lhe somos agradecidos. Este livrinho, certamente, não ficará na prateleira. Muitos vão querer compará-lo, porque você fez uma multidão de amigos com sua veia poética. Ninguém tinha vontade de sair de perto: tão gostoso e interessante era o *papo*. Você próprio o confirma na toada do cavalo Taubim.

*Tudo que eu queria eu tinha
Amigos não me faltavam
Um me dava um tira-gosto
Bebida, um outro pagava
Insistia pra sair, pra descansar ou dormir
Mas ninguém não deixava⁴*

Como bom poeta popular, Ado foi cuidadoso em sua métrica e rima. Embora tenha escrito quadras e sextilhas, deu preferência às estrofes de sete versos (septilhas). Ele próprio é quem enuncia:

Os versos de Cosme Trovão⁵
Falando que na Serrinha
A mãe quis matar a filha
Por nome Aderitinha

4 *A toada do cavalo Taúbim*

5 *Os filhos de tio Cosme*

Foi declamada em sextilha
 Sou um membro da família
E mudei para sete linhas.

Filho de Horácio Cordeiro de Melo e Áurea Duarte da Costa, nasceu na fazenda Castanho, município de Queimadas-PB, em dez de setembro de mil novecentos e trinta e sete. Estudou até o segundo grau, tendo-se formado em comércio e contabilidade, em Timbaúba-PE, mas nunca exerceu a profissão porque não quis deixar a vida de vaqueiro.

Horácio era um próspero fazendeiro da região dos

Cariris velhos na Paraíba, muito estimado pelos seus conterrâneos por ajudá-los a solucionar seus problemas. Ado refere-se a isto nos versos: “*Do povo da região, era o melhor conselheiro*”.⁶

Áurea, tendo falecido aos oitenta e cinco anos, teve a honra de ser “tataravó” por duas vezes. Era tradição na família, quando o fato ocorria, haver uma cerimônia, geralmente no dia do batizado da criança, e o/(a) tetravô/(ó), oficialmente, pedir ao neto para embalar o tataraneto com as expressões: “meu neto, dá cá teu neto”. Em anexo, trazemos a foto onde ela pede a seu primeiro neto, José Vital (filho de Adalberto e Idalice), para embalar o netinho deste.

A microrregião paraibana dos Cariris Velhos, desde 1980 chamada Cariri Oriental, é a mais extensa da Paraíba, ocupando uma área de 13.845 Km². É também a mais seca de todo o Estado e uma das mais áridas do país, fazendo parte da faixa dos sertões hiperxerófitos do Nordeste Oriental. Apresenta densidade demográfica baixa em relação às outras regiões: aproximadamente noventa e três mil habitantes que moram, em sua maioria, na zona rural..

Antigamente, era habitado pelos índios Cariris (daí a origem do nome) considerados, até bem pouco tempo, como pertencentes ao grupo dos Tapuias Janduís, quando, na realidade, faziam parte,

6 *Horácio e Áurea*

juntamente com os Tupis, da grande família dos Brasíliaidas, parentesco este revelado na língua, usos e costumes⁷. O município de Boqueirão foi apontado pelo Pe. Nantes⁸ como a mais antiga aldeia de índios Cariris de que tem conhecimentos.

O pastoreio, atividade responsável pela sua colonização, constitui, ainda hoje, a atividade econômica típica da região, ocupando dois terços de sua área. A agricultura, realizada sobremodo nas várzeas e baixios mais úmidos, volta-se especificamente para o algodão e a cultura de subsistência.

O livro menciona moradores dos municípios de Cabaceiras, Boqueirão, Barra de Santana e Caturité. Esse dois últimos foram resultantes do desmembramento de Boqueirão ocorrido em 1994.

Embora, atualmente, moradoras do Cariri, as famílias mencionadas neste livro (Pereira, Melo, Cordeiro, Duarte e Costa), são provenientes da Zona da Mata Norte de Pernambuco (Goiana, Cruangi). Vicente Pereira recordava e passava para seus filhos e netos que a madeira da igreja de Cruangi, de cuja construção o pai dele (que era marceneiro) participou, foi extraída de um único pé de cedro. Afirmava também que, além do trabalho no campo, o pai dava aulas particulares, sem remuneração, a crianças em fase escolar. Ainda sobre os Pereiras, Vicente lembrava parentes e amigos de Goiana, um deles tocador da banda municipal que era seu compadre, o padrinho da segunda filha de Vicente e Ritinha que se chamava Sinphorosa. Esta afirmava ter aprendido com o padrinho a cantar o romance oral o *Conde Carlos*⁹ quando tinha apenas treze

7 BORGES, José Elias Barbosa. Súmula histórica dos índios Cariris Fagundes de Campina Grande in *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano*, n° 39, setembro de 2007: p. 34-44.

8 Relação sucinta sobre os índios Cariris. Ed. fac-similar, notas de Frederick Edelwiss, Salvador: Tipografia Baiana

9 Variante do romance popular ibérico o *Conde Alarcos*. Pidal, Menéndez. Estudios sobre el romancero. Madrid: Editorial Gredos.

anos. O padrinho havia ido ao cariri paraibano a fim de tratar-se de doença respiratória.

Não temos dados escritos para confirmar a veracidade das afirmações. No entanto, buscamos em Pereira da Costa¹⁰, autor do *Folclore Pernambucano*, o maior levantamento da tradição oral feito no Nordeste do Brasil que foi realizado, sobretudo na região de Goiana, no início do século XX e pudemos estabelecer algumas aproximações que ajudam comprovar os fatos narrados. Uma delas consiste na versão do *Conde Alarcos* que Pereira da Costa traz com o nome de *A Bela Infanta* e Sinphorosa chamou *Conde Carro*. Comparem-se versos das duas variantes:

- Condessa, bote a mesa *carta* de fome eu traria.
- A mesa já *vive* pronta para vossa senhoria (Sinphorosa, 1987 apud Batista, 1999:798)
- Senhora, botai a mesa, *casta* de fome eu traria
- A mesa sempre está pronta para a vossa senhoria (Costa, 1974: 360 - 363)

O uso do lexema *casta* fez o autor pernambucano questionar em nota de rodapé e colocá-lo em itálico. A mesma estranheza sentiu a informante paraibana que, por desconhecer o significado de *casta*, substituiu-o por *carta*. Muitas outras comparações poderiam ser feitas entre o *Folclore Pernambucano* e os textos do romanceiro e do cancionero popular que levantamos no Cariri Paraibano, o que se justifica pela aproximação geográfica entre os dois Estados, ou talvez por uma possível origem comum entre os Pereiras, apontados neste livro e a família do foclorista.

O fato é que a tradição oral de cantigas e romances é largamente conhecida e difundida entre os membros da família. Como exemplo, damos aqui textos que Ado sabia de cor e neles se inspirou para fazer suas belíssimas toadas de vaquejadas, autênticos romances

10 2ª ed. coordenação de Mário Hélio, introdução de Luis da Câmara Cascudo
Recife: CEPE, 2004

do ciclo do gado, utilizando-se a expressão de Theo Brandão¹¹. Os exemplos abaixo são esclarecedores:

O BOI SAIA BRANCA¹²

A ponta dele é esparsa
Na madeira ele fumaça
Saia branca é boi de raça
De um gado brabo e teimoso

É filho de Jatobá
A mãe dele nasceu lá
Morreu não foi no curral
E acabou-se em mundo novo

A VACA AVOADORA

– Ô avoadora, que tens
Que leva a vida em pensar?
– Eu vivo impressionada
Pelos vaqueiros cercada
Sei que agora sou pegada
E não tem jeito pra dar.
Seu Nilo que era meu dono
Este me deu abandono
Eu vou dormir o meu sono
Na terra do Cipóa

11 BRANDÃO, Théo. Romances do ciclo do gado em Alagoas. In *Congresso Brasileiro de Folclore*, Anais. Rio de Janeiro: Publicação do Ministério das Relações Exteriores, 1952-1953.

12 Ver Pereira da Costa Boi Espaço, in op.cit.: p.424 e BATISTA, Maria de Fátima B. de M. Romanceiro no Brasil: Paraíba e Pernambuco. Inédito (no prelo).

SAUDADES DO VAQUEIRO¹³

Vou embora dessa terra
Segunda – Feira que vem
Quem não me conhece, chora
Quem dira quem me quer bem

Minha, mãe quando eu morrer
Não quero choro, nem nada
Quero uma fita amarela
Escrita com letra encarnada
Saudade de Vaquejada

Minha mãe, quando eu morrer
Não quero pranto, nem choro
Quero em cima do caixão
Meu gibão e meu chapéu de couro.

Na segunda metade do Séclo XIX, alguns membros das famílias mencionadas, unidas entre si pelos laços do matrimônio, migraram para o Cariri paraibano. Por volta de 1908, Vicente e Ritinha fixaram-se na fazenda Malhada da Panela (naquela época município de Cabaceiras, depois de Boqueirão e hoje de Caturité). A Malhadinha (no município de Barra de Santana) foi propriedade de Horácio cujos filhos estenderam-se em outras fazendas distribuídas nas áreas circunvizinhas até Queimadas, pequena cidade situada a dezoito quilômetros de Campina Grande.

Os Pereiras de Melo foram depois apelidados de Trovão, que são atores nestas memórias, inclusive é ressaltada uma escritora

13 BATISTA, Maria de Fátima B. de M. Romanceiro no Brasil: Paraíba e Pernambuco. Inédito (no prelo).

— Maria Alice — a quem Ado responde com dois poemas: *Mas o livro não contou* e *À escritora de Trovão* (cf p.75 e 78).

A necessidade de escolas e universidades motivou o estabelecimento dos membros mais jovens em centros mais adiantados como: Campina Grande, João Pessoa, Recife, embora as raízes continuem no Cariri com a permanência dos avós nesta área.

Maria de Fátima Barbosa de M. Batista
UFPB/CNPq/PPGL/PPLP

MEMÓRIAS DE ADO

VICENTE E RITINHA

Queria saber a história
De Vicente meu avô
De onde foi que ele veio
E quando foi que chegou
Aonde era que morava
E em que trabalhava
Que só sei com quem casou

Foi com Rita Modesta
Filha de Inácio Trovão
Neta de Joca da Salina
Conhecido valentão
Era homem consagrado
Conhecido e respeitado
Do agreste ao sertão

Horácio era meu pai
Com Áurea era casado
Fazia tudo na hora
Nunca chegava atrasado
Direito sempre foi
Nasceu em noventa dois
Do século próximo passado

Gostava de movimento
De vender terra e comprar
Seus negócios eram direito
Para ninguém reclamar
Pagava sempre em dia
Isso o mundo sabia
Não tinha o que duvidar

Antonio Trovão não gostava
Do marido de Ritinha
Porque Inácio o seu pai
Grande amizade lhe tinha
Por isso era despeitado
E falava do cunhado
Em toda casa vizinha

Mais o filho de Vicente
Achava o pai um tesouro
Vê-lo sendo maltratado
Achou ser um desaforo
Passou a falar do tio
Lhe chamando de vadio
Faltando até com decoro.

Vicente tinha um parente
se tratavam como irmão
lá perto de Cruangi
no engenho Julião
para o fuxico acalmar
levou Horácio pra lá
e botou num barracão

Ritinha foi visitar
O filho no Julião
Mas no dia de voltar
foi grande a aflição
Um chorava outro chorava
o jeito Vicente dava:
o menino não fica não.

Viajar antigamente
Não era brinquedo não
Sair de Lagoa dos Marcos
Para o engenho Julião
Grande viagem era aquela
Homem a cavalo de sela
As mulheres de silhão

Mãe Ritinha adoeceu
Nessa viagem que fez
Dizem até que abortou
Tava grávida de um mês
Mas o filho não deixou
E Horácio retornou
A seu convívio outra vez

Chegou lá em Aroeira
Nos ouvidos do Trovão
O retorno de Horacio
Foi grande a revolução.
O homem disse agora
Eu pego o sobrinho lá fora
E resolvo toda questão

EU SOU FILHO DO SOBRINHO

Eu sou filho do sobrinho
Que um tio sem coração
Do alto de uma calçada
Com as esporas na mão
Em cima dele pulou
E com as mesmas o furou
Numa total traição

Os arranhões que as esporas
Fizeram logo sarou
Mas a tristeza dos fatos
Essa jamais acabou
Ficou pra mim de herança
Nunca saiu da lembrança
Hoje ainda sinto dor

Não tenho em quem me vingar
Isso também não pretendo
Fico aqui no meu lugar
Se vier, eu me defendo
Sou do lado do meu pai
Menino homem demais
Quem for vivo está sabendo

Horácio botou uma vergonça¹⁴
De pinhão para murchar
Mas com bastante cuidado
Pra o fogo não queimar

14 Ramo de plantas de certo porte (Vergõntea)

Ficar só macia e boa
Pra numa pancada á toa
Algum osso não quebrar

João portador gostava muito
De Vicentinho e de Ritinha
Morava ali muito perto
A fazenda era vizinha
Ele falou: isso eu faço
Estão bulindo com Horácio
A briga também é minha

João não trabalhava a Vicente
Fazia alguma besteira
Uma semana, outra não
Levava para Aroeira
O burro com a cangalha¹⁵
Isso aí era sua falha
Trazia as compras da feira

João procurou Horácio
Em lugar nenhum encontrava
Ritinha muito nervosa
De chorar não se cansava
João de rumo mudou
Aí Horácio encontrou
Lá perto da cachimbada

João portador não se meta
Que o assunto aqui é meu
Mas se quer me ajudar

15 Armação que se coloca no dorso dos burros para sustentar a carga dos dois lados

O capanga já é seu
Lhe desejo boa sorte
No irmão de mãe não toque
Aquele Trovão é meu

E pegou mesmo o tio
Com a tora de pinhão
Bateu de cansar o braço
Com muita satisfação
E a outra trovoadas
Não levou a sério nada
Antônio não tinha razão

Antônio Trovão só andava
Com um capanga de lado
Foi aí que o portador
Deu conta do seu recado
Arregaçou sua manga
Meteu o pau no capanga
E deixou ele estirado

Só Cosme estava emproado
Porque do Amazonas chegou
Disse que pegava Horácio
Mas isso não confirmou
Foi conversa de vizinho
Pois ele ficou quietinho
Só com um tiro que levou

A COMPRA DA MALHADA

Pai Vicente aperreado
Por causa de Antônio Trovão
Pegou família e os móveis
O gado e a criação
Não deixou para trás nada
Botou tudo na estrada
E saiu sem direção

Pra um descanso de cigano
No mineiro ele parou
Conversando com alguém
A pessoa lhe falou
A Malhada está à venda
É essa última fazenda
Por onde você passou

E na Malhada da Panela
Fez negócio o meu avô
O preço lhe foi pedido
Discutiu e concordou
Voltou por cima da trilha
Foi lá que sua família
Com muita honra criou

Mãe Ritinha era doente
Morava lá na Malhada
Arrodeada de filhos
Não deixavam faltar nada
Ao médico sempre ela ia
E o mesmo não descobria
A doença era enrascada

Da malhada da panela
Sempre vivo a me lembrar
Dos meus avós, tios e primos
Também gosto do lugar
O tempo velho passou
A panela se quebrou
Mas a malhada está lá

Ainda até que parece
Com aquelas casas que tinham
De Josa Brito e Adauta
Tá faltando a de Ritinha
Onde Olindina morava
Tio Toribo trabalhava
Fazendo as peneirinhas

MALHADA DA PANELA

Em uma casa de arrasto¹⁶
Pois assim era chamada
Feita de barro e madeira
Tinha varanda e calçada
Foi aonde o meu avô
Com muita honra deixou
Sua família criada

A Malhada da Panela
A terra dos meus parentes
De meus pais, avós e tios
Hoje é muito diferente
Do tempo de mãe Ritinha
Madrinha Olindina e Melinha
Tio Toribo e Pai Vicente

No lugar da casa velha
Hoje é palma e marmeleiro
Não existe mais curral
Não tem sinal de chiqueiro
Só tem uma lagoazinha
Que foi feita por Melinha
De tanto varrer terreiro

Quando chovia no tanque
Fazia água primeiro
Madrinha Lia ia lavar
Roupa, fronha e travesseiros

16 Modelo da cobertura da casa com duas águas

Eu ia para ajudar
Só pra ela me contar
De Roldão e Oliveiros

E cadê a Baraúna
Onde eu via meu avô
Todo dia de manhã
Ir ali fazer cocô?
Eu chamei-o de malvado
Segundo fui informado
Que Vivi a derrubou

A BURRA CUTIA

Cutia o nome de uma burra
Que tinha na Malhada
Sabia o dia da feira
E logo de madrugada
Ela se escondia
O chocalho não batia
Por ninguém era encontrada

A burra já estava velha
Também era descansada
Fora a viagem da feira
Ela não fazia nada
Mesmo assim se escondia
No domingo ninguém a via
De burra não tinha nada

Feira pra três a quatro casas
Deve ser bem pesada
E tinha o portador
No meio também montava
Começou a se esconder
Eu continuo a dizer
De burra não tinha nada

Nos outros dias da semana
Cutia aparecia
Porque a ração de milho
Muito ou pouco comia
Porém ela achava,
Que aquilo não compensava
Por isso se escondia

HORÁCIO E ÁUREA

Em abril do ano quatorze
Um casamento se fez
Lá no sítio Orodongo
No dia vinte do mês
Horacio com vinte e dois anos
E Áurea com dezesseis

Minha mãe, Áurea Duarte
Meu pai Horácio Cordeiro
Dos filhos do meu avô
Ele quem nasceu primeiro
Por dar boa opinião
Do povo da região
Era o melhor conselheiro

Papai homem respeitado
Mamãe mulher verdadeira
Morei com outras pessoas
Eu achava de primeira
Eram boas de verdade
João Gomes de Andrade
E Luzia Severo Oliveira

A família Cordeiro de Melo
E a Duarte da Costa
Dá certo em toda mistura
Eu faço até uma aposta
Toda vida foi assim
Nunca tirou ninguém ruim
Por isso é que o povo gosta

MALHADINHA

A pedido de Joana
Vou ver se lembro o passado
Vivido na Malhadinha
Naquele tempo atrasado
Para mim foi bem vivido
Existia até partido
De azul e encarnado

A malhadinha que falo
É perto do barracão
Lá eu passei alguns anos
Com meus pais e meus irmãos
Na margem de uma estrada
Que de um lado é Queimadas
E de outro é Boqueirão

No ano de trinta e seis
Papai comprou Malhadinha
E fomos pra lá morar
Grande movimento tinha
Algodão ele comprava
Também beneficiava
O maquinário ele tinha

A lá ia pra Campina
Nas costas de animais
Fardos com setenta quilos
Com oitenta ou até mais
Vendia á Zé de Brito
Aonde era bem quisto
Zé Aranha e outros mais

Organizou uma feira
Que todos dali gostavam
Os que moravam mais perto
E os que longe moravam
Fazia seu movimento
Com cabra, ovelha e jumento
Uns vendia outros compravam

Tinha festa de Natal
Com parque de diversão
Tinha barraca de prenda
Trazidos de caminhão
Era coisa sem igual
Pela ceia de natal
E também pelo São João

Pra lá vinha pastoril
Tinha pastora e palhaço
Contra mestra do azul
Com grande desembaraço
Todo homem admirava
Mais ela só namorava
Escondida de Horácio

Ele não admitia
Namoro pela calçada
Apesar daquele grupo
Tinha até mulher casada
Tinha preta, tinha loura
Mais por serem pastoras
Os homens não respeitavam

Áurea foi ao pastoril
Falou a alguém do seu lado
Você vai me ajudar
Não se faça de rogado
Pra baixar cordão azul
Eu dou dinheiro a tu
Pra subir o encarnado

Chegou ali de mansinho
Sem o povo lhe notar
E disse esta de azul
Dou dez para não dançar
Hoje a noite aqui é minha
Vá ficando aí quietinha
Não tente me atrapalhar

A contra mestra de azul
Não tendo roupa encarnada
Proibida de dançar
Teve que ficar parada
Obrigada pelo dinheiro
Foi segurar candeeiro
Mas sendo ajoelhada

Horácio quando chegou
Foi falando do terreiro
Áurea, aonde você
Arranjou tanto dinheiro
Pra no pastoril gastar
Já que sua porca está
Ainda lá no chiqueiro

Eu não tomei emprestado
Nem vendi a porca preta
Peguei aqui mesmo em casa
Nem precisou de maleta
Foi curta minha viagem
Se lembre que tenho a chave
Que abre sua gaveta

Emprestava algum dinheiro
Chamado algodão na folha
No começo do inverno
Mas fazia sua escolha
Nas pessoas que tomava
Porque às vezes enganava
E ele tomava a rolha

Papai conseguiu uma escola
Com alguém lá em Campina
Para ensinar adolescentes
Os meninos e as meninas
A professora era solteira
Já idosa e verdadeira
O seu nome era Porcina

Todos os meses eu a levava
Em Queimadas com prazer
Porque o seu ordenado
Precisava receber
A viagem me irritava
Devagar ela andava
Não gostava de correr

Montava em silhão
Seu cavalo era melado
Que hoje chamam de baio
E não era bem tratado
Se fosse andar ligeiro
Era grande o desespero
Ele ficava cansado

Sair da malhadinha
Para chegar em Queimadas
Era quase quatro léguas
A viagem era puxada
E com bastante atenção
Com cuidado pra não
Anoitecer na estrada

Construiu outra igreja
Pois a que tinha caiu
As paredes sem reboco
Ao tempo não resistiu
Só aproveitou a madeira
Porque era aroeira
O cupim não consumiu

Adquiriu uma imagem
Maior do senhor São João
Colocou porta mais larga
Parecida um portão
Eu lembro quando menino
Também colocou um sino
Pra chamar os cristãos

A armação de Alaíde
Com Adalberto, o irmão
Para ele ir buscar Zeca
Tocador da região
Sabia que ele vinha
Pra tocar na Malhadinha
Ninguém dizia que não

A viagem era só
Meia hora de galope
Eu achava bom demais
Corria num único trote
Zeca ouvia o recado
Botava o fole de lado
E a gente voltava num bote

Adalberto falava: “Zeca
Tu vai ficando avisado
Pula a cerca em Seu João Carlos
Vai por dentro do roçado
Para papai não notar
E assim tu vai chegar
Lá pelo outro lado”

Papai o fole pegava
Começava a solfejar
Logo logo desistia
Dava a Zeca pra tocar
Alaíde aparecia
E as outras lhe seguia
Começavam a dançar

MORADOR DA MALHADINHA

Morador da Malhadinha
Quase todos apelidados
Nome que papai botava
Eles achavam engraçado
Chamando, todos atendiam
O apelido repercutia
E ninguém ficava zangado

Augusto castanha chocha
Do maquinário cuidava
Funcionava o motor
Trocava óleo e limpava
Era coisa da indústria
Tirava de lá uma bucha
E os discos também trocava

O mecânico Manuel Caetano
Tinha uma grande altivez
Visitava o maquinário
Quase sempre todo mês
Ele era muito capaz
Um compadre de meus pais
Era o pai de Marines

Tinha Augusto enjeitado
Um portador bem capaz
De inteira confiança
Para as compras dos meus pais
Comprava toda besteira
Até minha balieira
Que eu gostava demais

Ainda tinha outro Augusto
O filho de dona Julia
Se contado direitinho
Dá quase uma patrulha
Manuel Olhinho, João Bumbão
Zé Carvoeiro, o outro irmão
E três moças na agulha

Manuel e Zé Grande
Eram filhos de Sá Joana
Severino e Severina
A cozinheira de fama
Quando mamãe precisava
Ela sempre a chamava
Todo dia da semana

Zé Pequeno também era
Quem tirava leite das vacas
E ajudava no queijo
Batia sempre a nata
Aparava a manteiga
Sua mãe era cor negra
E também muito sensata

José Senhorinha tinha
Duas filhas meretriz
Tinha mais três filhos homem
Manoel, Abílio e Luís
E a sobrinha Severina
Moçota quase menina
Se amigou com seu Assis

A TROPA DE BURRO

Tinha uma tropa de burros
Papai lá na Malhadinha
Prá transportar algodão
Dos vizinhos e das vizinhas
Quando eles apanhavam
Em casa mesmo saldavam
Aquela dividazinha

Na sexta feira a tarde
Iam transportar a lã
Para chegar em Campina
No sábado de manhã
Depois que a lã entregava
As compras da venda pegava
Sem ladeira tudo chá

O itinerário da viagem
Passava no formigueiro
Na fazenda das Campinas
E para chegar primeiro
Guritiba e Maracajá
Nas cacimbas sem parar
Iam dormir no Ligeiro

Os burros que eram da sela
Capoeiro e princesa
Os que pegavam cangalha
O nome de uma nobreza
Outra muito parecida
Grande e desenvolvida
Era chamada Veneza

Tinha um burro preto e feio
Com o nome de lobisomem
Tinha um outro manhoso
Eu não recordo o nome
Uma burra era beleza
E outra era firmeza
Tropa de burro de homem

O tropeiro seu João Bezerra
Era gago, o seu Joãozinho
Famoso por não deixar
Nunca carga no caminho
Quando ninguém ajudava
Um jeitinho ele dava
E carregava sozinho

Na conversa e movimento
Tropeiro os burros levava
Os mesmos ficavam parados
No lugar que ele deixava
Podia até demorar
Só saía do lugar
Quando o tropeiro mandava

A palavra era *ai*
Para o burro parar
Outra palavra era *vamos*
Para o burro caminhar
E a do milho ir comer
Não precisava dizer
Era o bornal balançar

Dois fardos com o mesmo peso
Para a carga não pender
O tropeiro pra seus burros
Ele mesmo ia fazer
Porque se saísse errado
Era ele o culpado
Não tinha o que dizer

Burro não usava cabresto
Só porque não precisava
Dizia vamos, eles iam
Dizia *aí*, eles paravam
Tropeiro pegava no queixo
Só era chiar o beicho
Saía andando, ele andava

A rapidez da viagem
Era da burra de frente
Ela andava enfeitada
De chocalho e de corrente
Pendurando na cangalha
Não andava de sandália
Só porque não era gente

Chamava burra de frente
Porque na frente ela andava
Fazia toda manobra
E os outros acompanhavam
Entrava em caminho vazio
O tropeiro da um psiu
Logo, logo ela voltava

Nozinho Lacerda e outros
Faziam evolução
Depois dos burros carregados
O relho sempre na mão
Por sinal eles andavam
Pelo pátio passeavam
Era uma diversão

Caracol eles faziam
Livrando os pardos no pátio
E voltavam desmanchando
Pisando em cima do rastro
Seguia pelo caminho
Sem o tropeiro, sozinhos
Nem olhavam para o pasto

Um dia encontrei seu Joãozinho
Parado numa estrada
Esse tal burro manhoso
A carga estava virada
O tropeiro estava só
Disse: não vem que é pior
Aqui só vai na atada

Aí o burro encostou
O pescoço numa estaca
Como se faz com bezerro
Pra tirar leite da vaca
O manhoso se agüentou
E a carga ele botou
Sozinho como a macaca

O SÃO JOÃO NA MALHADINHA

O São João na Malhadinha
Só era de gente boa
Muitos vinham de Campina
Das fazenda e João Pessoa
Nem deputado, nem prefeito
Era só gente direito
Não tinha ninguém à toa

De Campina ia a família
Do Dr. Obidedon
Um amigo do meu pai
E dentista muito bom
Tinha uma filha Salete
Mariinha ou Bernadete
Família Licarion

Que vinham de João Pessoa
Zé Batista e Izolina
Também vinha com eles
Seus meninos e as meninas
Seguiam a mesma trilha
Eram da mesma família
Se encontravam em Campina

Chegando na Malhadinha
Tava formado o enredo
Era um povo esperto
Se levantava bem cedo
Tinha a mesma opinião
Chegava pelo São João
Até depois do São Pedro

Alaíde e Salete
As prezapadas faziam
Porém papai reclamava
Quando daquilo sabia
Virava o rosto pra um lado
No fundo, achava engraçado
Era o que elas queriam

Papai fazia questão
Das visitas acordar cedo
Mandava soltar foguetões
Com tiro de fazer medo
Com a lenha alimentava
E a fogueira queimava
Do São João até São Pedro

Dava enchente no rio
Que o bebedouro carregava
As mulheres vestiam maiô
E dentro do rio pulava
A água era barrenta
Mesmo que fosse nojenta
Elas não se importavam

Por causa da água no rio
E as moças de maiô
Idalice com Adalberto
O casamento acabou
Dizem que chifre não pesa
Não sei se foi pouca reza
Dessa vez, esse pesou

Mamãe soube da história
Que o noivado acabou
Foi falar com a sobrinha
E o filho concordou
Não tinha nada escrito
Ficou dito por não dito
E o noivado renovou

O São João na Malhadinha
Era muito animado
Tinha baile dos senhores
E também dos empregados
Era grande a folia
Da meia noite pra o dia
Tava tudo misturado

O baile dos empregados
Rodoval que inventou
E foi falar com o meu pai
Ele também concordou
Pois tinha sala demais
Sobrava moça e rapaz
Só faltava tocador

No baile das patroinhas
Empregado lá não ia
Não era recomendado
Ele mesmo quem queria
Mas patrão não sei por quê
Antes do amanhecer
O outro baile invadia

Os bailes daquele tempo
Só era com música ao vivo
Um violão mal tocado
Era bastante preciso
Os dançadores gostavam
Porque barato pagavam
Eram quase todos lisos

Zeca Valdivino tocava
Não perguntava pra quem
Adalberto seu amigo
Lhe dava alguns vinténs
Mais quando papai chegava
Ai Zeca se animava
O dinheiro agora vem

MINHA PRIMEIRA SELA

Eu queria tá agora
Onde está meu pensamento
Com a sela num cavalo
Ou a cangalha num jumento
Botando palma pra vaca
Picotando com a faca
Sempre é esse meu intento

Ou então ensebando
Marra velha de chocalho
Pra quando for retirar
Diminuir o trabalho
Quem faz assim sempre ganha
Tirar ferrugem da aranha¹⁷
Pra não perder o badalo

Criei-me montando a cavalo
Esse foi o meu destino
A minha primeira sela
Ganhei quando menino
Chamada de roladeira
Uma obra de primeira
Feita por um Laurentino

17 Designação comum a diversos objetos cuja forma lembra a da aranha. No caso específico, peça do chocalho.

Senhor Totonho fez a selinha
Pra Adalberto meu irmão
Ele era um Laurentino
Que morava em Conceição
Estragou , veio a reforma
Seguindo as mesmas normas
Foi feita por seu João

A sela chegou novinha
Isso quase me espanta
Também veio com ela
Um freio novo e uma manta
Eu fiquei muito contente
Ver aquilo de repente
Me deu um nó na garganta

Daquele dia em diante
Só quem pegava era eu
Naquela jóia raríssima
O meu pai foi quem me deu
Arranjei um tamborete
Tirei lá do cavalete¹⁸
O morador dela esqueceu

18 Trave em que os vaqueiros penduram selas e outros arreios.

CORDEIRO E ZFINHA

Casei-me em cinqüenta e dois
Casado ainda estou
Minha mulher é Zefinha
Acho que foi Deus quem mandou
Dos filhos que ela me deu
Com dois meses uma morreu
Porém nove se criou

Ainda em cinqüenta e dois
Comecei por uma trilha
Fiz limpeza numa casa
comprei móveis e vasilhas
não era nada de luxo
a mulher cresceu o bucho
nasceu a primeira filha.

Também nesse mesmo ano
Seguindo uma boa trilha
a dezoito de novembro
nasceu a primeira filha
botei o nome de Ruth
que todos a ela escute
a bem de toda família

Rejane é a filha número dois
Pra certa não falta nada
É do ano cinqüenta e quatro
Pra dentista é formada
Sincera não tem segredo
Nasceu em noite de São Pedro
A uma da madrugada

O número três não esqueço
Pra quem eu tiro o chapéu
Foi uma criança linda
mais doce que o puro mel
Ainda pequeninha
Talvez até por culpa minha
Deus a levou para o céu

Em quarto lugar veio Jacinta
Em bioquímica é formada
Era e é estudiosa
Pois nunca foi reprovada
Boa amizade e muitos fãs
A mais morena das irmãs
Mas tem a pele sentada

Agora passo para os homens
Ronaldo é o primeiro
Engenheiro construtor
Também é bom cavaleiro
Às vezes leva uma queda
paga com a mesma moeda
Mas é um grande vaqueiro

Severino era afamado
Em pegar boi e derrubar
Hoje tem laboratório
Para sangue examinar
O hospital perto de casa
A viagem não atrasa
Ivania vai ajudar

Luciano é formado
Não gosta da profissão
Vive transportando gado
Em cima de um caminhão
Veja a coisa como é
Tem três filhos com a mulher
Não mora com ela não.

Minha oitava filha
tem o nome de Luzia
mora em Alagoinha
cidade lá da Bahia
todo elogio lhe cabe
parece que ela sabe
tudo em odontologia

A nona é Aurizabel
Fez oftalmologia
Tem consultório em Natal
Trabalha todos os dias
Operando e tratando
Os clientes sempre gostando
Vê-la com tanta alegria

A décima agora encerra
Com a caçula Kiara
Formada em odontologia
Em Campina se prepara
Tem consultório em Santa Cruz
Com muita fé em Jesus
E é bem remunerada

A minha primeira neta
Tem nome de Juliana
Me deu o primeiro bisneto
Eu acho muito bacana
Com o marido não deu certo
Achou ele meio esperto
Botou pra plantar banana

Duas irmãs formadas
Exercem a mesma profissão
São cirurgiãs dentista
Têm a mesma opinião
São Rejane e Luzia
As duas quase nasciam
Viajando em caminhão

Tem vaqueiro de verdade
Tem vaqueiro de mentira
Tem Tiago e Daniel
Todos dois me admiram
Eu não sei a quem puxou
Se ao pai ou ao avô
Se a mim ou a João Lira

Vaqueiro de um lado
É defeito para alguém
Admiro Daniel
Da pouca idade que tem
Eu não estou censurando
Mas quero vê-lo puxando
Do outro lado também

Daniel e o cavalo
Casou Tomé com Bebé
É como diz o ditado
A sopa caiu no mé
Igual ao tio Severino
Vaqueiro desde menino
Até canhoto ele é.

Cuidado na direção
Se dirigir na estrada
E olhe bem a cadeira
No bico de uma calçada
Tenha muita atenção
Se tiver na discussão
Pra não fazer rima errada

AURIZABEL E O BODE QUE DIZIA SEU NOME

Minha filha Aurizabel
É chamada de Belzinha
Está morando em Natal
Com as duas filhas sozinha
De irmão ela era só
Tem nome das duas vó
Da mãe da mãe, e da minha

Formada em oftalmologia
Cuida da vista da gente
Opera a catarata
É bastante competente
Não deixa nada de molho
Tira cisco em qualquer olho
E respeita o paciente

Quando pequena gostava
de usar o meu chapéu
Falava e falava alto
Era grande o tendel
E muito admirava
Que o cabrito falava
Seu apelido Bel

Eu estava no roçado
Ouvi criança gritar
Pelo nome de papai,
Era Rejane a chamar
Vá depressa na calçada
Belzinha tá enganchada
Tem que a cadeira serrar

A cabeça não passava
E não tinha paciência
Pra puxar por outro lado
Só gritava por clemência
A cadeira teve sorte
Não precisou de serrote
Só usei a inteligência

MINHA VIDA DE VAQUEIRO

O vaqueiro acostumado
A pegar boi e marrar só
Dentro da mata fechada
De jurema e mororó
anda com um facão de lado
pra não ficar enganchado
No mufumbo¹⁹ e no cipó

Fiz muito essa aventura
Ainda hoje estou lembrado
Pegar boi e amarrar só
Já faz parte do passado
Também não conto às vezes
Junto com os meus fregueses
Que lá fiquei enganchado.

Eu ficava muito alegre
Quando estava bem montado
e a rês procurada
pendia para o meu lado
no abismo descia a esmo
dizia comigo mesmo
esse já ta pegado

19 Arbusto trepador, da família das combretáceas (*Combretum leprosum*), cujas folhas, que encerram saponina, são revestidas de pequenas escamas muito peculiares, e cujas flores são amarelas, dispostas em panículas terminais solitárias, sendo o fruto uma sâmara aveludada, com alas elípticas e transversalmente estriadas

As vezes a luta do mato
eu começo me lembrar
e vou fazer alguns versos
para o tempo matar
por dentro eu sinto uma magoa
meus olhos se enchem d'água
não posso continuar

Eu andava encourado
ajudava meu vizinho
aonde a rês corria
esse era meu caminho
se o cavalo ajudava
em qualquer canto eu pegava
e amarrava sozinho

Eu nunca escolhi lugar
De serra, buraco ou lama
Meu serviço era vexado
No abrir e fechar da rama
Mas no mufumbo e bonome
Vaqueiro bom perde o nome
E às vezes até a fama

Querendo pegar boi no mato.
Quem não perdia a carreira ?
Mesmo estando bem montado
Um cachorro na esteira
Ninguém venha pabular²⁰
Que não tem onde passar
numa várzea de quixabeira

20 contar grandezas; fanfarronar

Eu tinha guardas para as pernas
para os braços o gibão
guarda peito e tinha luva
para proteger a mão
bem feito, bem trabalhado
tudo em couro de veado
nunca se rasgava não

Hoje eu só estou servindo
Para dar nó em gravata
Fechar as portas da casa
Quando a chave está exata
Não deixam eu sair sozinho
Só vou ensinar caminho
De comprar queijo e nata.

TIO COSME TROVÃO

Uma lenda existe
Lá na fazenda Serrinha
A mãe quis matar a filha
Por nome de Aderitinha
Porque quebrou uma xícara
A derradeira que tinha

Hoje naquela fazenda
Não tem a casa que tinha
Nem tem aquele poeta
O pai de Aderitinha
Que do poeta era filha
Não tem ninguém da família
Hoje só tem a Serrinha.

E o Serrote do Urubu
Bem na barranca do rio
Chamado Bodocongó
Ora cheio ora vazio
Depois da curva uma reta
Ali morava o poeta
Que de meu pai era tio

Ele andava de muleta
Pois tinha uma perna só
Sempre viveu na pobreza
Satisfeito que nem Jó
Filho de Inácio Trovão
Era irmão de Damião
E de Ritinha, minha avô

OS FILHOS DE TIO COSME

Os versos de Cosme Trovão
Falando que na Serrinha
A mãe quis matar a filha
Por nome Aderitinha
Foi declamada em sextilha
Sou um membro da família

E mudei para sete linhas
Eu lembro do tio Cosme
E alguns versos que ele fez
Também lembro de seus filhos
Deltrudes, José e Ordenês
Lilita e Virgínia também
Se alguém puxa a alguém

Foi a ele que eu puxei
A mais nova era Aderitinha
Cedo esse mundo deixou
É a que diz aquele verso
Que uma xícara quebrou
Mais não foi a derradeira
Isso foi uma brincadeira
Que o pai dela inventou

ALAÍDE E CAMÕES

Alaíde Cordeiro de Melo
José Camões Barbosa Pinto
Minha irmã e meu cunhado
Saudade dos dois eu sinto
Pessoas de honestidade
Essa é a pura verdade
Juro por Deus que não minto

Manoel o filho mais velho
Formou-se em medicina
Foi morar em Serra Branca
Atendia em toda esquina
O povo em toda cidade
Dizia, esse é de verdade
Um médico da nossa estima

Maria de Fátima a Fafá
Com Dr. Álvaro a lhe ajudar
Nos livros que ela faz
Depois Maria do Carmo
Por apelido Cacai
Casou com Carlos Alberto
Arquiteto mui capaz

Bernadete o quarto filho
Por Broto todos a tratava
Com bola mais os irmãos
No oitão ela jogava
Era uma guerra medonha
Lutava sem cerimônia
Às vezes até ganhava

Francisco de Assis, outro médico
Virou herói muito novo
Pela oftalmologia
Diz sempre: “Eu resolvo”
Opera, trata bem, implanta
Chamam até de mão santa
Isso é dito pelo povo

Depois a vez de Zé Maria
Buliçoso e traquino
Mas todos gostavam dele
Porque era um bom menino
Enquanto morava aqui
Mudou-se para Ouricuri
Aí mudou seu destino

Joana Áurea, psicóloga
Professora afamada
Tem dois casais de lindos filhos
Pra ela não falta nada
Verônica, fácil se irrita
Mais nova e também bonita
É a minha afilhada

Camões ali por Queimadas
Gozava de grande conceito
O povo e também políticos
Lhe tinham muito respeito
Depois da eleição comentava
Que os votos dele dava
Pra eleger dois prefeitos
Ele era o vice de Dulce
No dia da eleição

Os dois eram Barbosa
Não eram parente não
Muita gente admirava
Porque os votos de vice dava
Na prefeita de cambão.

ARLINDA

Dos oito filhos de Horácio e Áurea
Arlinda casou primeiro
Numa véspera de São João
Na fazenda do Ligeiro
Dr. Aluízio e Dona Iaiá
Os manda chuva de lá
Serviram de companheiro

A festa foi meio grande
Muita gente de Campina
Papai era conhecido
Tinha amigo em toda esquina
É certo isso que eu digo
Também tinha muito amigo
Dos meninos e das meninas

Atrás de casa, bem perto
Existia um açude
Prá ver as moças no banho
Chamei minha irmã Lourdes
De cima do balde olhando
Vendo os casais se beijando
Me diverti enquanto pude

Daí a uns tempos, de Arlinda,
Um casal de gêmeos nasceu
Maria José e José Mário
Muita alegria nos deu
Mazé é viva e robusta
Com a mãe sempre se ajusta
Porém José Mário morreu

ADEMÁLIO

A jararaca pegou
Ademálio meu irmão
No terreiro da cozinha
Foi grande a aflição
Não surtiu o mesmo efeito
Mas outra assim desse jeito
Matou Inácio Trovão

Ademálio foi pegar
Espigas de milho zarolho
Pra fazer cuscuz de ralo
é melhor do que de molho
Quando ele foi passando
A cobra estava esperando
deu o bote e cravou-lo

Leitor eu peço desculpa
O poeta é meio fraco
Como se diz no ditado
Que mija fora do caco
Feijão da mesma panela
Carne da mesma tigela
E farinha do mesmo saco

ADALBERTO, MEU IRMÃO

Adalberto meu irmão
Minha cunhada Idalice
Ele era um homem de bem
Ela era uma miss
A todos os dois, agradava
Era isso que eu achava
Não foi ninguém que me disse

Amanheci me lembrando
Minha cunhada, um tesouro
Senti muita saudade
Motivo quase pra choro
Do jeito que ela dizia
Quando a alguém repreendia
Mas é muito desaforo!

Zé Vital filho mais velho
E depois era Etinha
O terceiro Horácio Neto
O quarto Idalícinha
Áurea Maria e Ana Rita
Lutando pra mais bonita
A mais nova Etieninha

Goba tem o nome do pai
Ado era meu xará
Acabou-se em um acidente
Não gosto de me lembrar
A pessoa que ele era
A saudade ainda impera
Minha vontade é chorar

BERNADETE

Bernadete minha irmã
Várias vezes se mudou
Pra falar em mudança
A nosso pai ela puxou
Pois a Jaime a culpa cabe
Acho que ele não sabe
Quantas vezes se mudou

Morou em Caruaru
Mudou-se para o Moxotó
No açude Poço da Cruz
Achavam muito melhor
Tinha barco de pescar
E também para passear
Com o único filho só

Morou em Lagoa Grande
De Petrolina a Recife
E depois foi pra Bahia
Fazenda boa ela disse
Deixou a fazenda pra lá
Porque não quis mais morar
Está hoje no Recife

GENÊS

Genez nasceu na Malhada
E lá mesmo se criou
Depois com a esposa e filhos
Pra Campina se mudou
Homem bastante correto
É um dos primeiros netos
De quem foi o meu avô

Genez Cordeiro Duarte
Com Clarice se casou
Também andava ancorado
E muito me ajudou
Eu nunca lhe agradeci
Foi porque me esqueci
Mas lhe dou muito valor

Quando eu corria no mato
Levei muito machucão
Em lugar que tinha bom nome
Quixabeira e pinhão
Onde o vaqueiro se enrascava
Nem o cavalo passava
No habitar do canção

DR. FERNANDO LIRA

Fernando Mauricio de Lira
Era um médico verdadeiro
Meu vizinho no cariri
Entre os médicos o primeiro
Nele eu tinha muita crença
Tratava minha doença
Eu ajudava seus vaqueiros.

A mata em sua fazenda
Ainda hoje é fechada
Fora estaca para a cerca
Não corta um pau pra nada
A natureza é bem quista
é o filho que administra
Segue na mesma pisada

Doutor Fernando Lira
Muito eu admirava
O medico que ele era
As curas que praticava
Como tratava as pessoas
De posição ou à toa
Aquilo me cativava

Chamando o filho de Joca
Veio ele apresenta-lo
Com medo de um tal enduro
Pedi pra eu ajuda-lo
A o filho esquecer a moto
Confiando no meu voto
A montar em um cavalo

Joca foi se chegando
Lá em casa todo momento
Para montar nos cavalos
E por causa desse evento
Foi seguindo outra trilha
Namorou a minha filha
E chegou ao casamento

Nossa grande amizade
mudava quase direto
vizinho de propriedade
e sempre cortando certo
passei a sogro do filho
andando no mesmo trilho
sou hoje avo de seus netos.

De Joca ninguém mais o chama
Pois o seu nome é João Lira
Dois filhos correndo boi
O jeito a todos admira
Três mulheres jóias rara
Daniela e Kiara
E também dona Jacira

Está havendo um engano
Não é Jacira é Jaci
É a chefe da família
Ninguém ousa discutir
Sua voz vai adiante
É uma das elegantes
Conhecidas por aqui

BEIJA-FLOR

Admiro o beija-flor
O jeito que ele faz
Fica voando e parado
Aquilo eu acho demais
Quando vai se retirar
É difícil imaginar
Pra que lado é que ele vai

Muita gente não conhece
também não viu coisa igual
um beija-flor beijando flores
Pra vê que coisa legal
e se quiser conhecer
eu tenho o imenso prazer
venha ver no meu quintal

MAS O LIVRO NÃO CONTOU

Horácio casou com Áurea
Diz o livro e assim é
Chamaram-na granfina
Quem chama é porque bem quer
A grandeza desse nome
É que ao lado de um grande homem
Tem que ter grande mulher

Áurea criou oito filhos
Na base do bem me quer
Todos foram bem criados
Porque em Deus tinha fé
Pra mostrar o seu valor
Do marido ainda criou
Filhos de outra mulher

Áurea juntava castanha
E ajudava a torrar
Quebrava e tirava a casca
Ajudava a confeitar
Os canudos ainda fazia
Só na feira não vendia
Por não saber soletrar

Áurea na casa da mãe
Era da luta pesada
Varría e espanava tudo
Não deixava sujo em nada
Hoje é granfina porque
Na festa não quis vender
A castanha confeitada

Coisa que nunca faltou
Foi sarna e fuxico em Salina
Mesmo depois do progresso
Muitos morando em Campina
Tem alguém que não desiste
Por isso é que o livro insiste
Em chamar Áurea granfina

Chamar Áurea de Granfina
Ela ou ele um dia paga
Só pode ser um alguém
Que tem uma grande mágoa
Pois a filha de Avelina
Não dá pra ser granfina
Mas tem neta que é fidalga

Ritinha na Lagoa dos Marcos
Muito aperreio passou
Com fuxico e com arenga
Vicente não agüentou
Sem ter para onde ir
O jeito melhor foi partir
Mas o livro não contou

Vicente Pereira Cordeiro
Um bravo e trabalhador
O sogro dele, Inacinho
Lhe dava muito valor
Ficou sendo injustiçado
Só Damião do seu lado
Mas o livro não contou

Eu sou filho do menino
Que as esporadas levou
E depois com pinhão murcho
Do seu tio se vingou
Não estou me gloriando
Estou apenas falando
No que o livro não contou

O livro Trovão conta
A história do passado
Faço parte dessa gente
Acho que está bem contado
Isso aí não me atrasa
Mas tem lugar que puxa a brasa
Muito mais para o seu lado

À ESCRITORA DE TROVÃO

Fátima, reserve um espaço
A escritora Nordestina
Natural da Paraíba
Moradora em Campina
Que no livro *Trovão* disse
Que é sobrinha de Idalice
E bisneta de Avelina

A escritora do *Trovão*
Tem tudo para eu querer bem
O sogro é um grande amigo
A sogra, filha de tio também
Um casal de avós da mãe dela
É feijão da mesma panela
Foram meus avós também

O livro de Maria Alice
Intitulado *Trovão*
Fala em meus pais e avós
Em meu padrinho Damião
É verdade e não engana
Eu acho muito bacana
Essa é minha opinião

A história do *Trovão*
Quase toda eu conheço
Contada pelos mais velhos
Tem coisa que me aborreço
Não foi contada no livro
Não é coisa que eu preciso
Isso muito eu agradeço

Horácio com dezessete anos
Com o tio ele brigou
Foi pego à traição
A pior ele levou
Pelo que aconteceu
Ficou triste e só comeu
No dia em que se vingou

A história da vingança
Não lembro mais quem falou
Pode ter sido Roldão
Sobrinho de meu avô
Contou tudo direitinho
Falando até do caminho
Mas o livro não contou

É certo eu reconheço
Isso é coisa do passado
Fala do sobrinho e do tio
Eu me sinto encabulado
Pela parte que me toca
E o piolhos de Maroca
Fico até envergonhado

A cor da vó e da neta
Diz o livro que é igual
De Cláudio e de Antônio
De Idalice e Redoval
Branco ou preto não escolho
Só não aceito os piolhos
de Maroca no final.

Quem escreveu Trovão
Acho que é gente boa
Chamou Áurea de Granfina
Tem que ser outra pessoa
Que a isso se destina
Em chamar Áurea, a granfina
Com um gesto tão à-toa.

TOADAS DE VAQUEJADA

Ô MUNDO VELHO ENGANOSO

Ado Cordeiro de Melo

Ô mun-do ve-lho en-ga-noso to-do cheio de con-fu-são Mas um ra-paz quer ca-sa-ar

7
E pro-cu-ra u-na don-ze-la A mo-re-na cha-ma ne-ga A bran-ca cha-ma-a-ma-ri-la

13
A fe-ia não dá pra-zer Bo-ni-ta rapa-a-ca-ne-la

Refrão { Ô mundo velho enganoso
 Todo cheio de confusão

Mas um rapaz quer se casar
 Procura uma donzela
 A morena chama negra
 A branca chama amarela
 A feia não dá prazer
 Bonita rapa a canela
 (refrão)

Se anda limpo é granfino
 Se anda sujo é sebo
 Se come pouco é tacanho
 Se come muito é guloso
 Se apanha é mofino
 Se mata é criminoso
 (refrão)

O boi tem força no cangote
Cavalo tem no espinhaço
Cachorro a força é no dente
Que deixa osso em pedaço
Mulher a força é na língua
Homem e leão tem no braço
(refrão)

A TOADA DO CAVALO TAÚBIM

ADOCORDEIRO DE MELO

1. Já mon-
te mui-toenca -valo Já cor-ri a- trás do gado Já der -ru beimui-to boi Já fui va-quei-ro fi-
mado Nun-ca me sai da lem-bran-ça Já fiz mui-taex-tra-va-gança Ho-je me a-choem or tudo

Já montei muito em cavalo
 Já corri atrás de gado
 Já derrubei muito boi
 Já fui vaqueiro afamado
 Nunca me sai da lembrança
 Já fiz muita extravagância
 Hoje me acho encostado

Um cavalo eu não esqueço
 Não existe coisa tão bela
 Negociei Taúbim
 Porém fiquei com a sela
 Nunca lhe dou abandono
 E pra dizer que sou dono
 Homem nenhum monta nela

Eu a conservo guardada
 Em cima de um tamborete
 Porque quem mora em cidade
 Não pode usar cavalete
 O mofo pode estragar
 Mas nela eu posso montar

Escorado em um cacete.
Tanto gosto que eu tinha
Tanta força que botei
Para ensinar meu cavalo
Quanto tempo eu levei
Hoje não posso montar
E vejo os outros gozar
Daquilo que eu pensei.

Correndo em vaquejada
Às vezes era aplaudido
Disso eu nunca me esqueço
Nem posso ser esquecido
Meus olhos se enchem d'água
Para esquecer minhas mágoas
Choro à noite escondido.

Eu não estou nem gostando
De assistir em corrida
Meus olhos se enchem d'água
E a alma fica ferida
De ver o gado passar
E Taúbim velho dar
Tanta carreira perdida

No tempo que ele era meu
Era de admirar
A chegada no mourão
E a gordura sem par
Toda assistência aplaudia
Boi corredor não saía
Para o mocotó não passar

Meu estado de saúde
Não me permite correr
Minha doença foi grave
Faltei pouco pra morrer
Da queda de um cavalo
Eu não suporto o abalo
Nem posso me defender

Tudo que queria eu tinha
Amigos não me faltavam
Um me dava um tira-gosto
Bebia, um outro pagava
Insistia pra sair,
pra descansar ou dormir
Mas ninguém não deixava

A SECA NO CARIRI

ADO CORDEIRO DE MELO

No ca-ri-ri ch-oveu pou-co Não cri-ou-nas da no chão-ão Não hou-ve lu-cro no mil-ho Nã-guém a-pan-ho-ou fei-jão

9 Não fez ca-pim no cer-cado o Não tem co-mer pa-ra o ga-do Nem sa-fra de al-god-ão ei-boi - ei-boi

No Cariri choveu pouco
 Não criou nada no chão
 Não houve lucro de milho
 Ninguém apanhou feijão
 Não fez capim no cercado
 Não tem comer para o gado
 Nem safra de algodão.

Ei boi, ei boi

Mas seca no Cariri
 É antiga na história
 Porém o caririzeiro
 Nunca esquentava a memória
 Com sacrifício danado
 Sai ajeitando o seu gado
 Ainda conta vitória.

Ei boi, ei boi

Sai queimando a macambira
E achando alastrado
Mandacaru e facheiro
Com o fracasso do roçado
A gente faz uma queimada
Com água longe e salgada
Escapa todo o seu gado.

Ei boi, ei boi

Mas seu cavalo de sela
Vai todo dia à cocheira
Comer a ração de milho
Comprado caro na feira
Só vive gordo e zelado
Que é pra dá bofete em gado
Quando houver brincadeira.

Ei boi, ei boi

A criação de miúça
É a sua salvação
Mata um bode ou um carneiro
Pra misturar ao feijão
Dorme cedo sem problema
Porque lá não tem cinema
Nem usa televisão.

Oi boi, Oi boi

Quatro e meia da manhã
Ele já está de pé
Faz ali uma oração
Porque em Deus tem a fé
A refeição matinal
A mulher leva ao curral
Um bule cheio de café.

Oi boi, Oi boi

Setenta e nove foi ruim
Oitenta inda foi pior
Tão falando em cinco anos
Com dois é de fazer dó
Se ainda vier mais três
Só vai ficar mesmo o pó.

Oi boi, Oi boi

Desaba quem não tem nada
E vai embora quem tem
Para os estados do Sul
Pra ver se lá passam bem
A seca faz a maldade
Ele de lá tem saudade
E aqui nunca mais vem.

Oi boi, oi boi

A CHUVA NO CARIRI

Chovendo no Cariri
O trovão faz um tendeu
O povo com alegria
Dá graça, tira o chapéu
A coisa agora mudou
O tempo ruim acabou
O inferno virou céu.

No outro dia cedinho
Dão início a plantação
Gerimum e melancia
Milho, fava e feijão
Depois de plantado, trata
Planta rama de batata
E caroço de algodão

As lagoas todas cheias
Nas baixas, faz atoleiro
A criação de miúça²¹
Não vem mais para o terreiro
O dono torce o bigode
Logo o cabrito é um bode
E o borrego um carneiro

As vacas saem da cocheira
Vão para um resevado
Todos fazem sempre assim
Porque são organizados

21 Designação dada pelos sertanejos aos gados caprino e ovelhum

O leite agora é de graça
Porque não se vai mais à praça
Para comprar concentrado

O São João é animado
A terra toda esta rica
Milho assado na fogueira
Tem pamonha e tem cangica
Milho verde cozinhado
Tem gerimum no roçado
Com fome alí ninguém fica

Na fazenda de vizinho
Tem sempre uma diversão
Nos dias de Santo Antônio
De São Pedro ou São João
Tem forró e pamonhada
No outro dia buchada
E se corre boi de mourão

O gado está quase gordo
Já esta fechada a rama
A mosca diminuiu
E acabou-se a lama
Se houver a refrega
Quero ver quem é que pega
A novilha tira fama

A SAUDADE DO VAQUEIRO

Quando eu vou viajando
Que encontro com um vaqueiro
Montado em seu cavalo
Com jeito de ser ligeiro
Me lembro da mocidade
Então a velha saudade
Vem judiar com Cordeiro

Ei boi á, ei

Me lembro dos tabuleiros
Meu saudoso Cariri
E do cavalo crioulo
Pequeno, bom de tinir
Do porte do nosso gado
Chifre grande atrofiado
Gaitando pra gente ouvir

Oi lá, oi

O homem pra ser vaqueiro
Tem que saber aboiar
E pegar boi no trançado
Tirar leite e laçar
Do seu gado ser escravo
Botar sela em poldro bravo
Deixar macio açoitar

Ei boi á, ei

Vaqueiro que é bom vaqueiro
De todo jeito ele é bamba
Faz a brocha e o quanzir
Botar alça na caçamba
E nunca sente enfado
De dia campo e gado
À noite mulher e samba

Oi dá oi boi

Mesmo sem ser açoitado
Um cavalo me servia
Bastava ter boa rédea
Que a gente se entendia
Pouca saúde canta vantagem
Mas num cavalo de coragem
Eu fazia o que queria

Ei boi á, ei

Ai se ainda eu tivesse
Minha coluna sadia
Para montar num cavalo
E fazer o que eu fazia
Doutor eu lhe considero
Me cure porque eu quero
Ser vaqueiro mais um dia.

Ei boi á, ei

Essa dor na coluna
É só o que me maltrata
Se não fosse essa malvada
Vou chamá-la de ingrata
Corria na capoeira
Batia até esteira
E traquejava na mata.

Ei boi á, ei

A minha roupa de couro
A tempo se acabou
Emprestei a Antonio Barbosa
Ele nunca me entregou
O último foi o chapéu
Esse aí foi o Miguel
Achou no fusca e levou

Ei boi á, ei

O gibão era feito de couro
De veado campineiro
Os guarda quase uma sola
De veado capoeiro
Pra Xiquexique não furar
E também não se rasgar
Na jurema e marmeleiro

Ei boi á, ei

Eu ainda estou montando
Porque em Deus tenho fé
Que de cima de um cavalo
Não levou um pontapé
Mais na luta do vaqueiro
Quem era Ado Cordeiro
E vê-lo hoje quem é

Ei boi á, ei

Eu já estou chegando
No fim do aço eu não nego
Minha coluna não presta
Tenho um olho quase cego
Não querendo me gabar
Mas se o cavalo ajudar
Um boi correndo ainda pegou

Ei boi á, ei

Tá velho no fim do aço
Ainda mostra quem é
Botando freio num cavalo
Aos saltos ou pontapé
Com muito poucas montadas
Ele pega na estrada
E vai dizendo quem é.

Ei boi á, ei

Um cavalo acomodado
Não sendo um papa canhão
Pegando a cauda de um boi
Passando a volta na mão
Estando eu prevenido
O boi não sendo sabido
Ainda eu boto no chão

Ei boi á, ei

Ainda sei tirar leite
Tendo corda ainda laço
Ainda pego um boi no mato
Mesmo com muito embaraço
Sendo de noite ou de dia
As proezas que eu fazia
Sendo obrigado, ainda faço

Oi boi, oi

A TOADA DO CAVALO ABC

ADO CORDEIRO DE MELO

Vo -cê ques-si-o me ou -vindo A ten-ção que rampres-tar Pa-ra-u-vir u-ma to-a-da Qua-gu-ra eu vou can-

10 tar Fa-lan -do por A B C Ca-va- lo bom pra-va- ler Po-rém não sa-be fa -lar Ei boi oi

Vocês que estão me ouvindo
 Atenção queiram prestar
 Para ouvir uma toada
 Que agora eu vou cantar
 Falando por ABC
 Cavalo bom pra valer
 Porém não sabe falar

Ei boi, oi

Adeus amigo Itaju
 Muita lembrança a Barraco
 E ao motor da carroça
 Desta vez eu não embarco
 Quem fala é ABC
 Não choro pra o povo ver
 Pra não dar parte de fraco

Bom amigo Louva-a-Deus
Lusitano e Delicado
Muita lembrança a Cativo
Dê lembrança a Bronzeado
Qu'eu não sei como me saio
No parque Treze de maio
Ficando aqui desterrado

Camarada Louva-a-Deus
E ao volumoso Chicão
Adeus velho passarinho
Que, na cor, é meu irmão
Colibri e Maracá
Queiram me recomendar
A Feitiço e a Tonhão

Dei muita satisfação
Ao meu Senhor Severino
Começou eu me montar
Ainda era menino
Não limpou mata fechada
E em pista de vaquejada
Sempre fui cavalo fino

Esperto ainda sou muito
Castanho e meio maduro
Tudo me acham pequeno
Não sou claro nem escuro
Eu nunca sinto enfado
Para dar combate a gado
Forte, ligeiro e seguro

Faceiro no meu trabalho
Eu sempre gostei de ser
Sou manso por natureza
Mas valente no correr
E nunca perco o embalo
E o nome de bom cavalo
Só perco quando morrer

Gostava de aparecer
Nas pernas do meu senhor
Porque quando ele encontrava
Um garrote corredor
Sempre saía pegado
E era considerado
Garoto derrubador

Hoje eu estou desterrado
No Rio Grande do Norte
Não sou mais da Paraíba
Estou cumprindo a minha sorte
Eu só não faço uma guerra
E volto pra minha terra
Porque não tenho um transporte

Itaju, meu bom pareia
Teu dono é um falador
Cuidado se ele encontrar
Um que pague o teu valor
Diz a tu, dizia a mim
Que nunca me dava um fim
Isto eu chamo um traidor

Já estou me aborrecendo
Com este garoto malvado
Põe a espora no pé
Com seus bicos afiados
Pra eu ver o que nunca vi
Nem tão pouco mereci
O meu corpo ensangüentado

Lamento não ter coragem
E ter um bom coração
Pra quando ele me furasse
Na saída do mourão
Quando fosse se baixar
Para na cauda pegar
Eu avoava-o no chão

Meu senhor, Doutor Geraldo
É coisa que não lhe rende
Mas fale com esse garoto
O senhor me compreende
Ajeite pra enganá-lo
E diga que em cavalo
Dando na barriga ofende

Na hora da despedida
Meu caro amigo Itaju
Lembro mais dois companheiros
E faço um pedido a tu
No dia que se encontrar
Queira me recomendar
A Sarraço e a Xingu

O Bolero de Araruna
Que em pista não leva vaia
Quero lhe agradecer
Quando estive em nossa baia
Eu levei uma facada
E ele foi pra vaquejada
Em meu lugar na ubaia

Para o Mercedes eu olhando
Manobrando pra sair
Lembrei dos nossos passeios
Que eu nunca deixei de ver
Sem nunca haver atrapalho
Também nunca dei trabalho
Pra descer, nem pra subir

Quero fazer um apelo
Aos cavalos do Nordeste
Aos que tem preço elevado
E que tem fama que preste
Pra saber quem é ligeiro
E chegar num boi primeiro
Comigo fazer um teste

Rapidez não me intimida
Pois pode sair voando
E quando pisar no chão
Dele eu vou me encostando
O qu'ele fizer eu faço
Se o cabra for bom de braço
O mocotó vai passando

Severino, meu Senhor
Desculpe a mim por ser franco
Cavalo grande é uma jóia
Cavalo pequeno é fraco
Mas saiba que lhe ensinei
Tudo aquilo que eu sei
A seu famoso Barraco

Tenho que na Paraíba
Um dia ainda voltar
Pois gosto de minha terra
Mesmo sem muito engordar
Tenho fé na providência
Dá prazer à assistência
Que tanto valor me dá

Uma coisa eu ganhei
Da natureza o dom
Em gostar de campear
Do chocalho ouvindo o som
Sou assim porque Deus quer
Garanto enquanto puder
Nunca deixar de ser bom

Vaca, boi, bezerro e touro
Bicho que pise no chão
Só saio com ele enrolado
Nunca me vexo em mourão
Correndo de rua a unha
Tenho muita testemunha
Difícil eu levo um cambão

Xerém que eu como é pouco
Mesmo achando gostoso
Talvez que seja por isso
Não tenho pêlo brilhoso
Toda vida fui assim
Deixo farelo e capim
Porque nunca fui guloso

Zagal, tu tens boniteza
Muita canela e espinhaço
Nunca te vexa em mourão
Faça do jeito qu'eu faço
Pra ser o mais competente
Luto por ser independente
E não perder pra palácio

A toada terminou
De um cavalo muito esperto
Cada verso seguindo
As letras do alfabeto
São prosas de vaquejada
De ter muita coisa errada
Disso aí, eu estou certo.

A TOADA DOS DOIS IRMÃOS

ADO CORDEIRO DE MELO

Va queiro va-queiro va-queiro va-quejar va-queiro selo ca valo vai ao ma-to campe

ar l. Va-queiro co-mença jo-vem A mon-tar um a-la-zio Vai ao mato campe ar gado seu ou do pa

trão Não pen-sa em ga-nhar di nhei-mo Quan-do tem con vi-c-cão

REFRÃO

Vaqueiro, vaqueiro
 Vaqueiro, vaquejar
 Vaqueiro sela o cavalo
 Vai ao mato campear

Vaqueiro começa jovem
 A montar um alazão
 Vai ao mato campear
 Gado seu ou do patrão
 Não pensa em ganhar dinheiro
 Quando tem convicção
 (REFRÃO)

Comecei muito criança
 A campear mais meu irmão
 Eu montado em um cavalo
 Pequeninino e valentão
 Ele montava em Cocada
 Bom de mato e mourão
 (REFRÃO)

Quem via achava engraçado
A astúcia do meu irmão
Vestia as minhas pernas
Nas mangas do seu gibão
Para as matas não me arranhar
E a ele eu ajudar
Na luta do campo em ação
(REFRÃO)

E daí eu fui crescendo
Sempre junto a meu irmão
Montando em qualquer cavalo
Nos dias de apartação
Gostava muito da lida
Arriscando até a vida
Sujeito à queda e cambão
(REFRÃO)

O gado vinha do campo
Tangido no matagal
Aí se dava umas canseiras
Isso era natural
Os donos todos ajudavam
Corriam e logo voltavam
Novamente ao curral
(REFRÃO)

Corria no pátio solto
Em beira de cerca, não
Todos andavam encourados
Vestiam guarda e gibão
Tinham luva e guarda-peito
Caprichado e bem feito
Era assim a apartação.
(REFRÃO)

De dezoito a vinte anos
Com tempo seco ou de lama
Pega um boi em todo canto
Na bem fechada rama
Vai ficando conhecido
E começa a criar fama
(REFRÃO)

Uma rês solta no mato
Longe das outras a vagar
O meu irmão em Cocada
Nunca foi pra não pegar
Depois ficou preguiçoso
Me deixou no seu lugar
(REFRÃO)

Cocada velho acabou-se
Morreu sem levar cambão
Aí foi diminuindo
A fama de meu irmão
Deixou de correr no mato
Ficou correndo em mourão
(REFRÃO)

Depois surgiu Cocadinha
Correndo com Anelão
O Anelão era meu
O outro do meu irmão
Aí reinou alegria
Voltamos a correr mourão
(REFRÃO)

Cocadinha era castanho
Comprido, grosso e baixinho
Por a gente era tratado
Com muito zelo e carinho
Correndo com Anelão
Batia esteira sozinho
(REFRÃO)

Anelão morreu do tétano
Foi triste o seu resultado
Cocadinha ainda ficou
Sendo o terror do gado
Depois aleijou das mãos
Findou morrendo afogado
(REFRÃO)

A FILHA DO FAZENDEIRO²²

Eu ia por um caminho
Encontrei com três vaqueiros
Três capotes na garupa
Três cachorros perdigueiros

Em três cavalos ligeiros
Pisando em seixo e na lama
Correndo e trazendo a fama
Da filha do fazendeiro

Eu vinha de uma corrida
Que fizera em Boqueirão
A noite errei o caminho
O cavalo no caminhão

Fiz a manobra no carro
Foi uma errada de sorte
Fui beber água numa casa
Tinha uma moça de short

A moça era bonita
Para mim, foi um prazer
E pra pegar na mão dela
Bebi água sem querer

22 Mesma melodia de O Mundo velho enganoso

A filha do fazendeiro
Pedi por Nossa Senhora
Ô Mamãe, deixa eu ir embora
Na garupa de um vaqueiro

A filha do fazendeiro
Pedi por Nossa Senhora
Ô Mamãe, deixa eu ir embora
Na garupa de um Cordeiro

Na garupa de um Cordeiro,
Tás doida, filha de peste
Os Cordeiros são danados
Não tem um deles que preste

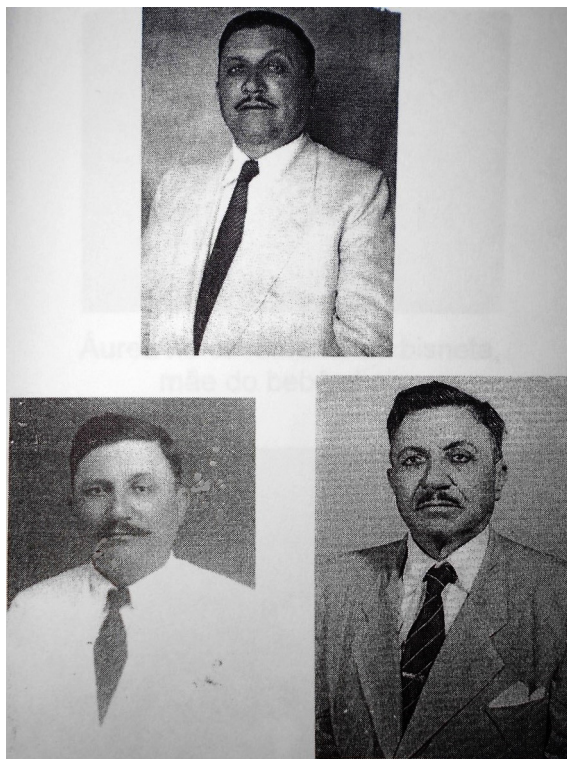
ANEXOS



Este vestido de Ritinha continha um laço do qual ela não gostava. O filho, Horácio, mandou o fotógrafo tirá-lo para alegrá-la.



Horácio e Áurea



Horácio em momentos diversos de sua vida



Áurea no casamento da bisneta, mãe do bebê abaixo.



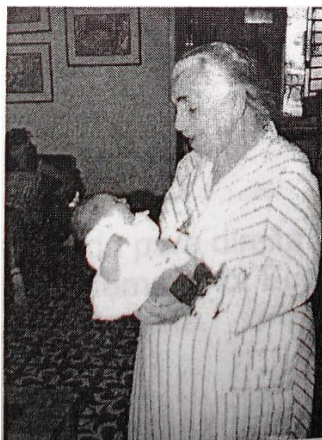
Áurea pedindo ao neto para segurar o tataraneto



**Horácio aos 70 anos de idade na fazenda Curimatã
(Barra de Santana-PB)**



Adalberto e Idalice



Áurea segurando a tataraneta



Eunice e Ademálio



**Da esquerda para a direita – Humberto, Antônio,
Ademalinho, Eunice, Ademálio, Marilac e Marlene.**



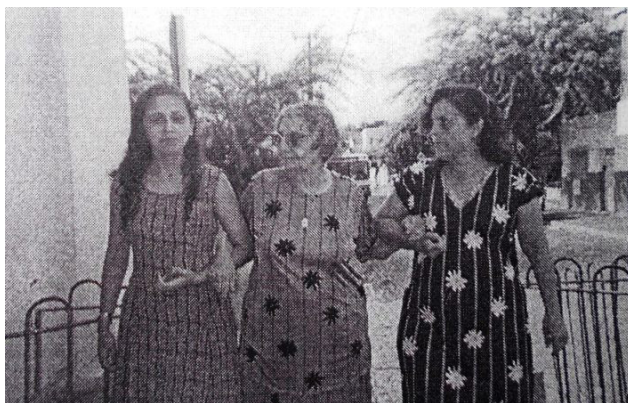
Ado e Zefinha



Filhos, irmãos e cunhados de Ado e Zefinha



Alaíde e Arlinda, irmãs de Ado



Arlinda no aniversário de 80 anos junto com a neta Salete (à esquerda) e a sobrinha Fátima (à direita).



Da direita para a esquerda Ado, Lourdes, Ademálio (atrás), Alaíde, Arlinda, Manoel Andrade, Emanuel, Armando e Miriam, Salete e Maria José.



Irmãos de Ado e filhas, netos e genro de Arlinda.



Lourdes, irmã de Ado



Lourdes na formatura do filho Raimundo



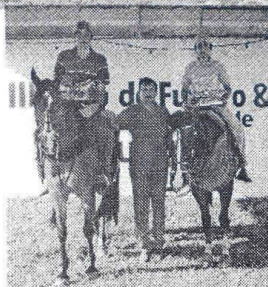
Bernadete, irmã mais nova de Ado, no dia de sua formatura.



Jaime e Bernadete



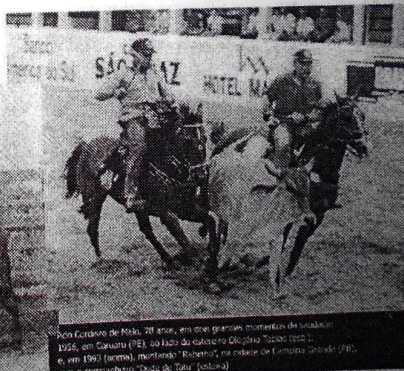
onde estão alojadas cerca de 80 éguas Quarto de Milha. Thiago já participou (de favela) em geral, no Canteiro de Vaquejada da Paraíba, quando no Parque Maria da Luz, onde ganhou uma vez. Os jovens seguiram a tradição de vaqueiro do avô, Ado Carrasco de Melo, que começou a participar da modalidade na cidade de Tibau do Sul (PE) em 1940: "Corria quando, pai e meu pai não queria nem saber disso", lembra o veterano competidor, de 78 anos, ancorado em sua bengala e muitas histórias. "Nessa época, o campeão ganhava somente uma medalha de ouro". Foi ganhador e primeira em 1948, em Umbuzeiro: "A pista era feita de gente (o povo se aglomera e formava uma cerca viva). Haviam umas estacas numeradas e quem derrubava o bicho (matava) depois delas era o campeão", relembra seu Avô, domador, pai de nove filhos, e porta nas horas vagas. "Fazia um verso para cada cavalo que domava. Criava histórias de um cavalo conversando com o outro, denominado ABC, com versos de A a Z". Para provar seu talento, não titubeou e enunciou um verso em homenagem à vitória de seus netos: "Tem vaqueiro de verdade/Tem vaqueiro de mentira/O Thiago e o Daniel, todos os dois me acirram/Eu não sei a quem puxaram/Se foi ao pai ou ao avô/Se foi a mim ou a João Lira...".



De cima: Thiago (vaqueiro) e Daniel Lima, (responsável) com João Carrasco e Manoel Romey Jr., sentando o preso da zebra rancho (Bovin) e entrando para história da ABQV.

Sobre os cavalos, o poeta lembra com orgulho de ter domado o Hulk, sem profecia, um Quarto de Milha 15/16 e Gastrani II, que correu nas décadas de 80 a 90. Mas o mais famoso deles, infelizmente, era o "Rabinho", um filho de Príncipe Rolo, sem registro, que ganhou 22 carros. "Quando ele entrava na pista e havia, por exemplo, 20 prêmios, só tinham na malicade 19, pois um já era dele", dizem os vaqueiros da época, lembra o histórico competidor, nascido na Fazenda Castanha, em Quaraná, na Paraíba. Ele agradece muito do que aprendeu na doma de animais quando trabalhou para o engenheiro civil Lauro Barbosa: "Era um homem de pouca conversa, mas muito vaqueiro. Sempre deixava uns livros sobre doma para a gente ler". Contrário à violência no trato dos animais, diz com orgulho: "Quando passou

no Sítio Rural à entrevista com o americano (Monte Roberts, O Encantador de Cavaleiros), ele já sabia tudo que ele mostrou", disse com um sorriso maroto.



João Carrasco de Melo, 28 anos, em dois grandes momentos de sua vida: 1955, em Cavaco (PE), ao lado do vaqueiro Góssio "Tacho" Torres, e, em 1992 (Tereza), montando o cavalo de nome de campeão gastrani (PE), com o campeão "Onça de Tatu" (Alagoas).



Em uma das fotos, Ado entrega aos netos Prêmios recebidos em vaquejadas. Ele próprio recebeu inúmeros

Prêmios em campeonatos de vaquejadas.

Sobre o livro

Digitação

Raquel Barbosa de Mesquita Batista
Lara Cordeiro de Melo
Áurea Maria Cordeiro de Melo

Projeto Gráfico e Edição Eletrônica

Jefferson Ricardo Lima Araujo Nunes

Registros Musicais

Maria Alix Nobrega Ferreira de Melo
Bernadete de Lordes Cordeiro Barbosa



Ado pertence a uma geração de poetas populares paraibanos que deixaram marcado, em sua arte, um amor incondicional pela sua terra e gente.

